

Edmundo Brandão Dantas



# 120 SONETOS

Brasília, 2006.

## **ATO DE COVARDIA**

Nunca pensei que um dia  
Pudesse ser acometido  
Da vontade doentia  
De deixar de existir.

Nunca pensei que um dia  
Pudesse querer morrer  
Como quero agora,  
Jogar toda a vida fora.

Para disfarçar a dor  
E não ter que sofrer tanto,  
Fujo a um canto, vou para a varanda

Olho para o jardim:  
Na grama cinza e morta do cerrado  
Me enxergo a mim.

## O MUDO

Minha voz se cala

Ante kafkiana acusação:

Não sei o que, não sei por que,

Não sei, não sei.

Talvez uma desculpa

Para o fim do amor,

Talvez uma artimanha

Para um adeus.

Transformo-me em ilha,

Trancado em mim,

Brasília.

Escuto um silêncio,

Que é só, enfim,

Família.

## O SURDO

Não ouvirei o que tu dizes,  
O que cantas, balbucias,  
O que pões para fora,  
No durante desses dias.

Não ouvirei uma palavra,  
Uma sílaba sequer,  
Fonemas que saem espremidos,  
Desses lábios de mulher.

Esquecerei músicas, sons, murmúrios,  
Os guardarei para mim;  
Nesta guerra pode haver augúrios,

Negativas, males, presságios,  
Ativarei meus escudos, enfim,  
Sobreviverei a este estágio.

## O CEGO

Passo e não te vejo.

Olho e não te enxergo.

Ando pela casa

E sou só um.

Penso e não te quero,

Assim, definitivamente, não.

Prefiro não ver-te,

Prefiro proteger-me de ti.

Quem sabe um dia me devolvas a visão!

Voltarei a enxergar, sorrateiro,

Sábio como um leão.

Enxergarei no escuro, vidente,

Serei esperto, mineiro,

Nessa não caio mais não.

## A PAZ DOS MONGES

Eis que resolvo exercitar  
A paz dos monges,  
Sonhando com as montanhas de Minas  
De longe.

Dou-me o direito  
Dos mistérios,  
Expondo-me à minha alma,  
A sério.

Passa por um momento  
Um balanço de minha vida,  
Como num raio, um pensamento.

Desarmado, descansado da lida,  
Dono incontestado do vento,  
A paz dos monges vivida.

## PÁSSARO

No arbusto, penas cinzentas,  
O cantar forte, pequenino,  
O pássaro, porém, se impõe  
Na paisagem poeirenta.

O calor impressionante  
Da seca do planalto,  
E o cantar forte, passarinho,  
Entre os galhos, aos saltos.

Pássaro de Brasília,  
Pássaro de meu país,  
Canto do encanto

De quem quer ser feliz;  
Canto, talvez, do desencanto  
De quem um dia assim quis.

## CONTRATO

Dito palavras ao vento,  
Voltam respostas mudas;  
Vento ventou, sussurrou,  
Estranhou pensamento.

Deixo palavras ao tempo,  
Tempo responde, evasivo;  
Tempestade, trovões, raios,  
Brisa, calma, de súbito, lascivo.

A vida é como um contrato  
Que assinamos com o tempo;  
Ditamos palavras ao vento,

Voltam respostas estranhas.  
O tempo, implacável, cruel e manso,  
Ora retrai-se, ora se assanha.

## ENTRELINHAS

Interprete como quiser  
O que quero dizer neste soneto.  
Dê margens à imaginação,  
Viaje do branco ao preto.

Do jeito que melhor for,  
Tire qualquer conclusão,  
Que neste soneto instrutor  
Vale a interpretação.

Digo o que penso e o que quero,  
Sou quase como um pintor,  
Que se esmera em traço e cores,

Para seu admirador,  
Que entende o quadro a seu jeito,  
Mas não despreza o autor.

## DEVASSA

Invada! Pode me invadir!  
Faça de minha alma o seu quintal.  
Tome-me seu território,  
Seja minha senhora feudal.

Descubra, arrase meus segredos,  
Quero compartilhá-los com você.  
Se preferir, me desate,  
Nó cego, se assim me crê.

Abri-me, porta pesada,  
Rangendo o peso do tempo,  
Mas vale ser devassada,

Minh'alma desajustada,  
Velha aventura esquecida,  
Vida desalinhada.

## DOMÍNIO

Rainha de mim me domine!

Arrase meu coração.

Sou seu servo, seu escravo,

Dominado pela paixão.

Peça a mim o que quiser,

Empenho-me até as estrelas;

Satisfazer seus desejos,

É mais do que meu dever.

Só não se esqueça depois

De me dar um chameguinho,

Que este seu ser humano

Não pode viver sozinho.

Depende das suas mãos,

Não vive sem seus carinhos.

## ESTUDO

Estudo tanto e, no entanto,  
Tenho a sensação de que nada sei;  
Leio livros, artigos, relatórios,  
Idéias que nunca ousarei.

Estudo tudo, sede infindável,  
Que busco saciar todas as horas,  
Porém na seqüência sinto-me triste,  
Como se fosse ser jogado fora.

Descartável, sapiência de momentos,  
Estudo inútil, o mais simples dos mortais,  
Meu saber efêmero talvez não se acumule,

Vai embora, me deixa abandonado.  
Os intelectuais, filósofos de plantão,  
Fazem-me sentir assim, ser desolado.

## CARCAÇA

Dramática condição, inevitável,  
Meu corpo ruindo, passo a passo,  
Levantar em etapas, devagar,  
Deitar com cuidado, descansar.

A tal da velhice, descarada,  
Impõe-se a cada hora, cada minuto,  
Como uma lente que amplia horizontes,  
Vejo passar o tempo, resoluto.

O drama da carcaça se dissolvendo,  
A gente relutando em admitir,  
Idade do condor, diz a piada,

A velha estrutura tendendo para o nada.  
A vida que derrete impondo-se cruel,  
Nossa grande mentira deslavada.

## LIVRO

As palavras surgem, misteriosas,  
Derramo-as no papel, água de letras,  
Organizo as idéias e, de repente,  
O livro surge e me faz caretas.

Olha para mim, como culpado,  
De cometer a ousadia de escrever.  
Finjo que não vejo a cara do livro,  
Com certo receio, tento me esconder.

Tarde demais, o livro está pronto,  
Virá o lançamento, a festa, o evento,  
Terei que expor-me e o livro me censura,

Cometi a ousadia, na cara dura,  
Vou para a feira vender meu peixe,  
Escrevi mais um, ó alma impura!

## **CACO DE VIDRO**

Imagino-me frágil,  
Como um cristal mais fino,  
Um grito mais forte,  
E me despedaço.

Apesar de robusto,  
Vivo por um fio,  
A vida é o circo,  
Eu, o palhaço.

A cada avanço para o futuro,  
Meus cacos se espalham pelo chão,  
Cortam, machucam, ferem de verdade,

Cristal em pedaços, palhaço sem graça,  
Caco de vidro, perigosa atração,  
Contraste entre pânico e serenidade.

## LÂMPADA

Uma luz se acende em mim  
Subitamente, uma chama,  
Luz difusa, como vela,  
Bruxuleante, reclama.

Repentinamente, a luz é néon,  
Aumento lumens, mostro-me transparente,  
Para depois de ser apagado,  
Voltar a ser simples gente.

A luminescência que todos têm  
Vai se apagando ao longo do tempo,  
Vai se esfumando como neblina,

À medida que se esvanece o vento,  
À medida que se dobra cada esquina,  
Num único sentido, sem vai-e-vem.

## LEMBRANÇA ESQUECIDA

Esqueci-me de lembrar, ó triste sina!

Vão-se o verso, a palavra, a prosa, a rima,  
Um branco desalmado de súbito me domina,  
Como se tudo que apagasse caísse-me por cima.

Chamam a isso início da velhice,  
O esquecimento tolo que a vida nos impõe,  
Como se não bastassem a barriga e a calvície,  
Esqueço-me de lembrar, eis o que se propõe.

Ainda assim, porém, eu me esforço,  
Sem maquiar idade e pensamento,  
Serei um velho assumido,

Rugas no rosto, restos de cabelos brancos,  
E mesmo que me esqueça eventualmente de lembrar,  
Hei de resistir sem me entregar.

## VENTANIA

Ouçã o barulho do vento:

É ele que chama, impondo-se impoluto,  
De dia empurrando poeira,  
Resistindo noite adentro.

Não é bem um tornado,  
Sequer um furacão,  
É vento de aventura, força,  
Vento do mais bonachão.

Que traz frescor ao dia,  
Que traz mistério à noite,  
É vento que canta e assobia

Que o calor alivia,  
Na seca atroz do cerrado,  
É vento de ventania.

## MELODRAMA

Quando acordo insatisfeito,  
Questionador do viver,  
E descubro enfurecido  
Que estamos aqui pra morrer,

Meu dia vira um melodrama,  
De dores e de tristezas,  
Apertos no peito e choros,  
Agônicas incertezas.

Sinto-me um idiota,  
Há quem sofra mais que eu,  
Minha insatisfação é o momento,

Obscuro e negativo,  
Rebeldia sem motivo,  
Do humor que Deus me deu.

## **ESTRADA**

Há um sentido e um destino:

Irei adiante, decidido;

A cada espaço percorrido,

Serei menino.

Há barreiras a romper:

Mas irei firme, resolutivo;

A cada pedra ultrapassada,

Serei adulto.

Cruzando tempo e espaço,

Misturando as duas coisas,

Terei cansaço.

Hei de parar, no entanto,

Quando cruzar a fronteira,

Sem eira, nem beira.

## CARRANCA

Cara feia pra mim é fome!  
É assim que diz o ditado.  
Não queira manchar meu nome,  
Que não sou nenhum coitado.

Você vem com essa carranca,  
Faz-se de barca emborcada,  
Com seu humor de encrencas,  
Perdida e desencontrada.

E eu, marujo de terra,  
Que pouco vagou pelos rios,  
Desdobro-me em mil esforços

Sonhando em lhe alegrar,  
Desato nós de marinheiro,  
Pra poder lhe navegar.

## VIAGEM DE TREM

Passa a paisagem correndo,  
Tempo abre a janela e me acena,  
Vejo a vida passando,  
Qual nas telas do cinema;

Eu, talvez, ator explícito,  
Herói de meia tigela,  
Aventureiro fajuto,  
Me jogo pela janela.

Meu corpo cai em pedaços,  
Nas pedras da natureza,  
O capim alivia a dor,

Dessa imprecisa certeza:  
Caí na armadilha do tempo,  
Ou viajei na incerteza?

## CORTINA AZUL

O céu dos dias mais lindos  
É minha cortina azul;  
É o céu que poucos entendem,  
Dos dias de Caxambu,

Minha cidade teimosa,  
Mineira como ela só,  
Que sobrevive às besteiras,  
De políticos de dar dó:

Homens de cuca pequena,  
Que apenas pensam em si,  
Não tornam as vidas amenas,

E não saem de onde nasci.  
Ficam por lá desonrando,  
Os tempos bons que vivi.

**FÉ**

Entrego a Deus os meus dias,  
Minha vida, meus momentos,  
Que Ele me ilumine  
Nos bons e maus pensamentos.

Que Ele guie meus passos,  
Por mais tortos que pareçam,  
Que me aponte os caminhos  
E as chances que me apareçam.

Eis que só assim dou conta  
De agüentar este mundo,  
De espantar as tristezas,

Dos períodos infecundos,  
Em que a vida mostra os dentes  
E morde o pobre Edmundo.

## CALENDÁRIO

Segunda vou pro batente,  
Na terça-feira também,  
Na quarta-feira eu trabalho,  
Na quinta-feira, porém,

Depois de encerrar a luta,  
Aguardo o dia que vem,  
Na sexta, finjo descanso,  
No sábado trabalho também.

No domingo, que surpresa!  
Cumpro logo minha sina,  
Trabalho o dia inteiro

Pra não quebrar a rotina.  
Começa outra semana,  
E a vida me desatina.

## MÚSICA

As notas no pentagrama

E eu ignorante.

As mãos do herói ao piano

E eu delirante.

Olhos fechados,

Deliro.

O coração bate forte,

Me firo.

A música entranha,

Raízes profundas,

Domina-me o ser,

Semimorto,

Descansado,

Busco viver.

## **ARGAMASSA**

Preciso erguer-me,  
Preciso firmar-me,  
Estruturar-me,  
Ficar de pé.

Preciso ligar-me,  
Sem alarme.  
Preciso ser-me,  
Estar-me.

Minha estrutura  
De tijolos frágeis,  
Precisa de você,

Argamassa,  
Cimento exato,  
Ainda crê?

## TEMPO

Sou como um fio  
Tecelão da vida,  
Teço a maior  
De todas as aventuras.

Estudo caminhos,  
Testo texturas,  
Alterno cores,  
Entre as nervuras.

A cada etapa,  
Sustento desejos,  
Às vezes posso,

Às vezes despejo  
Sentimentos disformes,  
Como um lampejo.

## CORRENTE

Se um elo se parte,  
Desato em choro,  
Estranho aparte  
Do desconsolo.

O homem que chora,  
Elo partido,  
Julga-se a si  
Como um tolo.

Chorar, porém,  
Quando quebra a corrente,  
É um dom de Deus,

E, de repente,  
É a força imponente,  
Dos sentimentos seus.

## **FINESTRA D'ANIMA**

Minha alma se mostra na janela,  
Coração aberto, exposto peito,  
Desnudado rompante, exato feito,  
Tresloucada alma, casa bela.

Nela residem sentimentos e mistérios,  
Que em outras oportunidades não se mostram.  
Quando a alma se expõe, terna sem-vergonha,  
É momento de glória, ímpeto mais sério.

Quero compartilhar-me, grita minha alma,  
Que o poeta diz que, se não é pequena,  
Tudo, tudo mesmo, vale a pena,

Tanto as dores mais cruéis e os desalentos,  
Tanto os mais tristes dos momentos,  
Quanto o simples viver e a noite calma.

## **DOMINUS VOBISCUM**

Que o Senhor esteja convosco,  
Assim desejo aos meus bons amigos,  
E ainda que pareça um tanto tosco,  
O desejo também aos meus poucos inimigos.

Não se pode negar Deus sequer aos vis,  
Pois que até os vis de Deus são filhos,  
Que buscaram caminhos tortos, vãos desvios,  
Que se deixaram levar por outros trilhos.

Ratifico, portanto, meu desejo:  
Que o Senhor esteja entre todos vós;  
É o que agora meu coração me dita.

E que sempre, a cada tempo, venha a nós,  
Com Seus conselhos sábios e serenos,  
Para tornar os nossos dias mais amenos.

## **EU COMIGO**

Eu,  
Comigo,  
Não vacilo:  
Sigo.

Não  
Consigo,  
Não desisto:  
Me ligo.

Sempre  
Adiante,  
Alinhavo

O que  
Fazer:  
Cavo.

## DESCANSO

Tarde livre, descanso,  
Escrevendo poemas, manso,  
Poeta irrefreável, canso,  
Incansável mania, danço.

Traço objetivos (alcanço?),  
Teço tramas (tranço?),  
Penso novidades (lanço?),  
Guardo-me em mim (avanço?).

Escrever poemas  
É viver de vento,  
Só palavras cruzadas,

Exercício de pensamento,  
Derreter-se em versos,  
Produzir o nada.

## ANTES SÓ

Antes só, diz o ditado,  
Do que mal acompanhado.  
Prefiro, porém, o perigo,  
De não ter que viver só,

Ainda que entre inimigos,  
Pois a vida tem mais charme;  
Viver perigosamente,  
Deixa sempre ligado o alarme:

Não se é pego de surpresa,  
Não se alimentam mistérios,  
Não se tem desilusões;

No meio dos inimigos,  
Mal acompanhado deles,  
Aprendem-se grandes lições.

## SERENO ENCANTO

Ao meu lado deitas, refrescante,  
Após o banho, roupas leves,  
Respiro o cheiro mais doce,  
Brisa mansa, vento breve,

Que emana desde teu corpo,  
Que faz com que eu me eleve,  
Que faz com que eu deseje,  
Ser qual frio homem das neves,

Para aquecer-me em teu corpo suave,  
Vivendo teus momentos de brandura,  
Curtindo tua pele feminina,

Tua natural frescura,  
Que me faz sentir menino,  
Na paz de tua brancura.

## SERENIDADE

Enfim, merecido descanso.  
O dia, azul, se me apresenta,  
Como cenário de teatro,  
Uma peça representa.

Há uma brisa leve,  
Um suave sopro do vento,  
De minha pequena varanda,  
Me contento.

O simples prazer do momento,  
Serenos frescor, doce alegria,  
Ainda que passageiros,

Meu corpo vivencia,  
Raros minutos de paz,  
Dos meus tão tristes dias.

## **SURTO**

Rasgo-me pela boca,  
Exponho-me ao ridículo,  
Imperfeito ser,  
Minúsculo.

Tremo sem motivo,  
Grito incontido,  
Cometo um harakiri,  
Sem sentido.

Cada vez que se manifesta  
Em mim um certo silêncio,  
E eu morro em mim,

Totalmente e por extenso,  
Desato o nó que me prende à vida,  
Despenso.

## **RUÍDO DO SILÊNCIO**

De repente, tudo pára:

Param máquinas, motores,

Param pássaros e pessoas,

Param ventiladores.

Começa um silêncio profundo,

Sem grilos, sem latidos,

Sem manifestações sonoras

Dos sentidos.

Nesse silêncio o ato de pensar

Torna-se pesado,

Agride, incomoda,

Ser humano acostumado

A um viver barulhento,

Não pensa. Gira, roda.

## TIRO CEGO

Gafanhoto lança-se sobre o milho,  
Come folhas, insaciável,  
Destrói, sem alma,  
A plantação, indomável.

Em Brasília, políticos,  
Seres animados, mas incontroláveis,  
Cegos pela expectativa de riqueza e de poder,  
Metem a mão, inesgotáveis.

Surge um malandro,  
Com mão leve, mas falso moralista,  
Põe a boca no trombone,

Para deleite dos jornalistas,  
E instala-se a confusão  
No Brasil materialista.

## EXPLOSÃO

Onde está a vergonha deste povo?  
Onde está a moral deste país?  
Será que você põe a mão no fogo,  
Por algum desses moleques de verniz?

Cheirosos e engravatados,  
Versados em falcatruas engomadas,  
Essas criaturas, meu Deus, fazem as leis,  
Desta Pátria burra e desdentada.

Novas eleições virão e, com certeza,  
Muitos voltarão para o Congresso,  
Vomitarão verbos com cinismo,

Em prol da Ordem e do Progresso,  
Trarão as mãos cada vez mais preparadas  
Para empurrar este país para o abismo.

## PET SHOW

De minha varanda vejo a dondoca afetada  
A conduzir o totó pelo jardim,  
O cachorrinho, perninhas arqueadas,  
Defeca num canteiro de jasmins.

O cão, que é chamado de “filhinho”,  
Frajola, continua seu passeio,  
Com “mamãe” controlando a coleira,  
Tão metida e, no entanto, sem asseio.

Estragam-se deste modo  
As paisagens,  
Que enfeitam minha quadra,

Meu pedaço;  
E não é culpa dos pobres dos cachorros,  
Mas dos inescrupulosos desse espaço.

## PORTO FIRME

Chegarei com cuidado, aportarei.  
Suavemente, atracarei em seu coração,  
Serei marinheiro zeloso,  
Devoto dessa paixão.

Estudarei os caminhos,  
Mar bravio ou calma,  
Para chegar ao seu porto,  
Serenos e com alegria.

Seu seio, minha marina,  
Atracado do amor,  
Há de dar plena guarida

A este navegador,  
Que procura o porto firme,  
Seguro de seu calor.

## PENITÊNCIA

Ajoelho em grãos de milho,  
Com o látigo me flagelo,  
Caminho com pés descalços  
Por uma touceira de espinhos.

Queimo-me com brasa viva,  
Com a dor me penitencio,  
Exponho-me a mil vergonhas,  
Nesse mar de desvarios,

Tudo para ter-te comigo,  
Tudo para poder sonhar-te,  
Tudo para trazer-te de volta,

Ao extremo estado da arte,  
Novo mundo que me escolta,  
À certeza de amar-te.

## SETEMBRO

Entra setembro e embora morra  
Mais rápido a cada dia,  
Encontro na primavera  
Motivos de alegria.

Mês de flores e belezas,  
Do fim da seca no cerrado,  
Das chuvas benfazejas,  
Que refrescam o chão ressecado,

Setembro reforça-me a alma,  
Dá-me vida, ainda que o tempo  
Me acene com sinais de alerta.

Recuso-me, porém a derreter-me,  
Prefiro sonhar, curtir a data,  
A deixar de fazer a coisa certa.

## **FERA BRAVA**

De súbito mostra-me as garras,  
Range os dentes, me enfrenta,  
Raspa as unhas no concreto,  
Não esconde o que intenta.

Bravo ser, bela braveza,  
Onça pintada, loba aguerrida,  
Raiva de rara beleza,  
Força que emana da vida.

Quero domá-la, fera brava,  
Trazer paz ao seu rincão,  
Fazer com que retraia as garras,

Dar-lhe alguma razão,  
Para que encontre sentido  
Em arranhar meu coração.

## ÁGUA MORNA

Mão no poço, água morna,  
Sol a pino, verde monte,  
Sombras inexistentes,  
Quebrada ponte.

Fazenda do sul de Minas,  
Vento em popa, capoeira,  
Refugio do cavalo,  
Aroeira.

Azul impecável, poucos entendem,  
Marulhar de águas, modorrento,  
Cansaço sem camisa,

Ar rabugento;  
Espaço, pescadores, beira-rio,  
Um beijo furtivo, no estio.

## RETIRANTE DE MIM

Com o rabo entre as pernas,  
Lá vai o poeta vira-lata,  
Buscar luas de mentira  
Nas poças d'água da noite.

Trôpego, cambaleante,  
Um porre homérico, talvez,  
O poeta retirante  
Esconde sua nudez.

Apesar de estar vestido  
Com cambraia imaculada,  
Branca veste, bom poeta,

Descobre que não vale nada,  
Retira-se ao vento forte  
Da mais cruel madrugada.

## VENTO ATEU

Sussurrante murmúrio,  
Repentino assobio,  
Trará augúrios  
Da voz do rio?

Das margens, inquieto,  
Escuto sussurros,  
Embora não me dobre,  
Sou casmurro.

A voz do rio, não traz o novo,  
É coisa velha, das mãos de Deus;  
A noite se impõe, momento bobo,

Escura e triste, e eu ao relento,  
Escuto a força de um tal de vento,  
Que esconjuro, é vento ateu.

## NÔMADE

Andamos por aí, gatos de rua,  
Perdidos pelos becos, ainda que família,  
Dormindo pelos cantos, noites nuas,  
Dos céus estrelados de Brasília.

Ousamos novidades, disfarçados,  
Camisa e gravata, executivos,  
Cachorros vira-latas, cães sem dono,  
Nômades urbanos, ratos furtivos.

Passa o disfarce, frente ao espelho,  
Vemo-nos esquisitos, desconhecidos,  
Perdemo-nos totalmente

Ou é simples dúvida?  
Debaixo do chuveiro, entorpecidos,  
Vivemos perigosamente.

## MENSAGEM

Traga-me a carta, não vacile:  
Quais são as surpresas, as más notícias?  
É caso de morte ou de polícia,  
Ou é a angústia que me aflige?

Diga-me logo, abra o bico!  
Livre-me dessa taquicardia.  
Meu coração pela boca, pulsa aflito,  
São tantas más notícias nestes dias!

Abri o envelope, li a carta,  
Tudo muito bem, era o que dizia,  
Esqueci a angústia em uma esquina,

A mesma angústia que me afligia,  
Deixei de lado o mau agouro  
Tomei um porre de alegria.

## TERREMOTO

Ano que vem muda tudo  
Ano que vem tem voto,  
É sua chance de causar,  
Um forte e expressivo terremoto:

Mostrar que sabe votar,  
Que não é tão burro como parece,  
Deixar-se representar  
Por quem de fato o merece.

Depois podem vir tsunamis,  
Ondas de metros de altura,  
Se você souber votar,

Ninguém jamais lhe segura:  
Sequer o mais picareta,  
Sequer o mais cara-dura.

## RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA

Para Heiko e Agostinho, que, comigo, formam o trio.

Não sei qual dos três é um deles,  
Mas sei que os três são como um;  
Três mosqueteiros, ou três “mosqueteiros”  
De cartum?

Falam a mesma linguagem,  
Falam dos filhos, da família, do trabalho,  
Conversam fiado nos restaurantes,  
Pássaros do mesmo galho.

Professores, vida desgraçada,  
Elite perversa, condenados à agonia,  
Somente uma cerveja bem gelada,

Para dar a essa vida sentido, alegoria.  
Os três exacerbam a veia mais crítica,  
Descobrem na amizade tal poesia.

## D'ARTAGNAN

Ao Peter, o quarto mosqueteiro.

Teuto-tropicalizado,  
Chucrute com acarajé,  
Juntou-se aos três mosqueteiros,  
Mostrou-se amigo de fé.

Alemão-batata,  
Que, porém, não come queijo com barata,  
Germânico boa praça,  
Que tudo degusta com raça.

Engenheiro arrebatado,  
Eletrônico turbinado,  
Quer consertar avião.

Em boa mesa se encontra,  
Sempre a favor, nunca contra,  
Do chope não abre mão.

## RECIBO

Passe-me um papel  
Com texto bem redigido,  
Onde eu possa ter a prova  
De tê-lo bem atendido.

Meus serviços mais concretos,  
A você são dedicados,  
Mas se você vacilar,  
Devo estar documentado.

Portanto, amigo e amiga,  
Não basta somente a palavra;  
Vivemos num mundo estranho,

Em que não basta o fio do bigode:  
Há, pois, que passar recibo,  
Do que pode e do que não pode.

## DICIONÁRIO

Procuro sentido em tudo,  
Na vida procuro sentido,  
Estudo o que posso e o que deixam,  
Eterno desentendido.

Onde se escondem as palavras?  
Onde se escondem os fonemas?  
A vida é uma aventura,  
Como os filmes do cinema?

É preciso entender tudo,  
Da sílaba até o parágrafo,  
Para não ter o sentido

Dilapidado.  
É preciso entender tudo  
Para não ser enrolado.

## **ESTUPIDEZ**

Ligo o televisor,  
O apresentador e sua mulher  
Expõem seu cinismo  
No telejornal.

Efeito devastador,  
Irritam-me,  
Telespectador  
Anormal.

Como (virtualmente) a mulher do apresentador  
E desligo o televisor.  
Os burocratas da emissora,

Jornalistas prepotentes,  
Desconhecem o poder  
Do telespectador.

## VAMPIRO REFINADO

Não quero qualquer pescoço,  
Qualquer veia, qualquer osso;  
Quero o sangue mais puro,  
O sangue denso, vermelho-escuro.

Não quero deixar ao léu  
As vontades e os desejos,  
Quero provar do mel,  
Das delícias dos seus beijos.

Vampiro excêntrico, metido a besta,  
Vampiro refinado, quero festa,  
Não quero apenas ser mais um.

Quero provar você inteira,  
Sem qualquer mistério, quero tê-la,  
Dissecá-la, câmera em zoom.

## TURBULÊNCIA

Escrevo e com a escrita arrisco  
A expor-me demais, perigo constante.  
Ao arriscar-me, entretanto,  
A vida se faz mais interessante.

Gosto das incertezas,  
Dos mistérios e obstáculos,  
Saber que sou perseguido  
Por polvo de mil tentáculos,

Em minhas palavras me animo  
A compartilhar-me com todos;  
Não quero guardar segredos,

Sou normal, coragem e medo,  
Calmaria e turbulência,  
Tiro de festim, explosão de torpedo.

## ARROTO

Disseram-me que não podia,  
Que tudo é proibido e que não pode,  
Que há pecado em tudo,  
Que todo estopim explode.

Disseram-me que há castigo,  
Em todos os passos da vida,  
Que o ato de viver  
É uma aventura perdida.

Resolvo desobedecer,  
As convenções que me impuseram,  
Subverto todas as ordens,

Jogo-as fora, desconsidero,  
Solto um arrote sonoro  
Pra este cruel lero-lero.

## ABBEY ROAD

Bate ume saudade escrota,  
Juventude impossível,  
Realidade tosca,  
Observo os Beatles atravessando a rua.

Let it be! Digo para mim mesmo,  
Estou em Abbey Road, chope e torresmo,  
Comentando as músicas que me animam,  
Com meus botões e a esmo.

A felicidade, arma quente,  
Estoura-me os miolos, de repente,  
John Lennon me dá um sinal:

Paul McCartney, descalço, sintoniza,  
Um mi maior na guitarra de Harrison,  
Ringo Starr, sorrindo, lê um jornal.

## CORISCO MINEIRO

Rápido feito um raio,  
Saio correndo pela rua,  
O que haverá de surpresas  
Na verdade nua e crua?

Desvendaram o segredo  
Que está por trás da aventura?  
Ou instalou-se o medo  
Da volta da ditadura?

Preocupação sem sentido,  
Nada mudou ou mudará,  
Estamos no Brasil das mutretas,

Do povo que não sabe votar;  
Amanhã todo mundo esquece,  
E tudo volta ao que está.

## MISTÉRIO DE CAXAMBU

Se juntarmos o começo e o fim  
Teremos uma palavra um pouco feia;  
Entretanto, de feio não há nada,  
A não ser as línguas alheias,

Que adoram bisbilhotar,  
A vida de todo mundo.  
O importante, porém, é o mistério  
Que existe por lá, bem no fundo.

Entre o começo e o fim,  
Existe um grande mistério,  
Que gera elucubrações

Sobre a origem do nome;  
Poderão vir surpresas bem-vindas,  
Poderão vir revelações.

## URUBU

O duro é ver políticos desonestos  
Posando de moralistas,  
E ter que agüentar o discurso  
Desses oportunistas.

Pelo menos nós tentamos  
E alguma coisa fizemos.  
Quem se lembra do passado?  
Ou já nos esquecemos?

Ao ver esses picaretas  
Vomitando pilhérias na tevê,  
Exercite a veia crítica,

Não creia em tudo o que vê;  
Pois nesses “nobres” engomados,  
Não há muito em que crer.

## **BRASÍLIA VESGA**

O governador, com seus sons guturais,  
Inaugura mais uma obra faraônica.  
Os puxa-sacos, bocas firmes no escroto troglodita,  
Aplaudem o feito, com palmas histriônicas.

Brasília, olhos tortos, temporã catarata,  
Enxerga fosco, luz perdida e fraca,  
Os políticos locais, malandros de gravata,  
Em causa própria, legislam com bravatas.

Pobre Capital Federal! Cidade vesga, quase abandonada,  
Por mais que queiram mostrá-la com romântica fachada,  
Esconde-se irreal, urbe falsificada.

O governador, raposa predatória,  
Seus asseclas, bando de calhordas,  
Subvertem a cidade, deturpam sua história.

## ABACATEIRO

Cai o fruto a poucos metros de mim,  
Se cai em minha cabeça, ai meu Deus,  
Poderia ser meu fim,  
Fui salvo pelos anjos meus.

Um senhor, todo frajola,  
Passa sob o abacateiro,  
Que lhe prega uma peça  
E lhe suja o terno inteiro,

Cai-lhe uma fruta podre,  
Mancha-lhe a roupa impecável,  
O homem, desmoralizado,

Afasta-se dizendo impropérios,  
Por sorte não se machucou,  
Esse abacateiro não é nada sério.

## O CURDO SURDO

Depois que os americanos  
Puseram os pés no Iraque,  
O país dos pobres iraquianos,  
Virou uma democracia de araque.

Foi o sacana do Bush,  
Prepotência américo-texana,  
Que usou Sadam Hussein  
Para criar guerra insana.

Porém, na região dos curdos,  
Pelo menos um homem não ouviu  
As bombas destroçando Bagdá.

Era um curdo surdo,  
Que estava mais preocupado,  
Com as orações para Alá.

## MELENAS TROPICAIS

Cabelos longos, longas melenas,  
Helena tropical, brasileira helena,  
Foto no jornal, fêmea bonita,  
Pose de manequim, artifício que irrita.

A boca faz biquinho, o fotógrafo é quem dita,  
A pose ensaiada, superficial e restrita,  
A modelo desatenta desliga a antena,  
Brasileira se mostra, pobre helena.

Percebe-se ao fundo um moleque desdentado,  
Indesejável cenário, magro, acabrunhado,  
O contraste aparece, irritante,

A luz que destaca as melenas de súbito se apaga,  
A bela manequim de repente se ofusca,  
O Brasil se mostra: sai de cena a linda helena.

## OSSO BUCO

O tutano é o charme do osso buco  
Sai inteiro, dá força e substância,  
Com arroz soltinho e uma pimentinha,  
Reina absoluto em qualquer instância.

Carne de terceira, o osso buco,  
Versão italiana com acolhida mineira,  
Apresenta-se às mesas de sabores requintados,  
Faz-se prato nobre das mesas brasileiras.

Sem requinte, sem beleza,  
Sem as cores atraentes das comidas japonesas,  
O osso buco esbanja calorias.

Não é alimento de se comer em dias quentes.  
Melhor degustá-lo debaixo de céu nublado,  
Ou nos dias cinzentos de chuva fria.

## CHOPE COM MOELA

Discutimos de tudo nas mesas de um bar:

Futebol, política e até religião.

Ali, ainda que não tenhamos lido um livro,

Temos a liberdade de expressar nossa opinião.

Os intelectuais, chatos de galocha,

Que não têm opinião própria e usam idéias emprestadas,

Devem, de fato, sofrer muito nos botecos:

Lá, até os mais simples, expõem verdades deslavadas.

Salta um chope com moelas de um lado,

Uma cerveja gelada desce bem-vinda,

E a filosofia dos botecos se apresenta,

Forte, bêbada, desbocada e linda:

Os chatos recolhendo-se a seus cantos,

Os humildes com a sabedoria que o povo inventa.

## LIVRO (2)

Em cada página, um quadro se descortina:  
Teatro, paisagem, romance, aventura,  
Idéias estapafúrdias, filosofia pura,  
Homens notáveis, grandes mulheres, meninas.

A cada dia, ao primeiro contato,  
Tão logo inicio a leitura,  
Chama-me atenção a beleza da feitura,  
Idéias concatenadas de modo exato.

O livro, ah, o livro! Minha grande frustração!  
Escrevo tanto e, no entanto,  
Ninguém me dá atenção!

Serão argumentos vazios?  
(Escrevo com o coração)  
Poemas, contos, romances, de ocasião.

## **OLHO DO FURACÃO**

Furacão fustiga Nova Orleans,  
O Bush, texano idiota, presidente fanfarrão,  
Dita providências que não toma  
Pelas grandes redes de televisão.

As imagens, tristes, inundadas,  
Água por todo lado, enorme inundação,  
O lado pobre, o lado negro da América do Norte,  
No olho do furacão.

No Iraque as tropas ianques  
Soltam bombas e arrotam prepotência,  
Enquanto muçulmanos sofridos,

Longe do furacão, pedem providência  
A Alá Onipotente,  
Que socorra os pobres inocentes.

## O DIA DO CAÇADOR

Brinca com a caneta,  
Caça mistérios no ar;  
Coça a cabeça,  
Tenta pescar.

Come grafite,  
Olhar no infinito,  
Estuda o ambiente,  
Meio que aflito.

O aluno enxerga a prova,  
Como um papel em branco;  
Amnésia estudantil,

Memória pega no tranco?  
Ao professor, boa nova:  
Um único dia entre mil.

## GAVETA

Dilui-se a rima entre os versos,  
Chama da vela derrete,  
Fio de luz, fim do universo,  
Fragmento de vida, confete.

O ser se espalha dentro de si,  
Vírus irrefreável e introspectivo,  
Guarda-se nervoso de *per si*,  
Rumina solitário, sem motivo.

O dia, esse dia tão cinzento,  
Engolidor de agouros, sorrateiro,  
Digere a melancolia espedaçada.

Em tons de desânimo cresce o dia,  
Personificação da dor, lenta agonia,  
Premonição da noite destelhada.

## ANGÚSTIA

Infelizmente sofrer

Parece ser

A sina do poeta.

Dor inquieta,

Coração partido,

Angustiado, ferido,

A rima flui pesada,

Desesperada.

Engulo a angústia

Como engulo sapos,

Faço-me em pedaços,

Verdadeiro trapo,

Engano-me a mim,

Me desfaço.

## LUZ OPACA

Veio a primeira chuva,  
Depois de estiagem tão longa,  
E Brasília quase derreteu,  
Sem mais delongas.

Luz não foi suficiente  
Para iluminar a noite,  
Que quase que vira dia,  
Com raios intermitentes.

Eu me deitei mais cedo,  
Luz opaca, luz de velas,  
Dormi, anjo abatido,

Calor de dar medo,  
Noite daquelas,  
Ventilador impedido.

## AGENDA

Falta memória em mim,  
Registro na agenda.  
Tenho que sair correndo,  
Antes que alguém me prenda.

Memória falha,  
Sintoma da velhice,  
Alguém pode achar  
Que é idiotice.

Escondo-me em mim,  
Satisfação à sociedade,  
Falta respeito

À velha idade,  
Transporto-me assim,  
De qualquer jeito.

## CAIXA DE SOM

Os jovens são surdos,  
Não distinguem música de ruído,  
Expõem-se ao barulho,  
Que quase lhes estoura os ouvidos.

Tudo é amplificado,  
De gritos a sons guturais,  
Chamam isso de música  
Acham tudo demais.

As caixas de som agradecem,  
Tornam a vida menos amena,  
Fustigam os ouvidos dos jovens

Com arranhões explosivos,  
Os vendedores adoram  
A surdez dos iludidos.

## CANÇÃO MUDA

Não diga nada, não fale.

Engula os versos, não tente.

Engula as notas, não cante.

Será assim, doravante:

Uma canção muda,

Escondida, abafada,

Um protesto surdo,

Gritaria embrulhada.

Assim diz, para si mesmo,

O eleitor brasileiro,

Que acreditou em mudanças

E foi jogado a esmo,

Feito um idiota romântico,

Um estrangeiro.

## SINAL DE FUMAÇA

Olho para o horizonte,  
Enxergo a fumaça branca  
A enevoar campos e montes,  
E meu pensamento estanca.

Será um índio do Velho Oeste,  
A me enviar sinais de fumaça?  
Pergunto-me, bandoleiro do agreste.  
Se assim fosse, seria uma graça,

Pois no Brasil não há índios  
Que se comuniquem assim.  
Aquilo é uma queimada,

Ou alguém pôs fogo nos índios,  
Ou é a floresta dizimada,  
Ardendo dentro de mim.

## CALENDÁRIO

Hoje começa a vida,  
Grande mentira,  
Destilo o veneno,  
A cabeça delira.

Amanhã continua a vida,  
Veneno fatal,  
Picada peçonhenta  
De cobra coral.

Ontem morreu a vida,  
Pobre passado,  
Droga horrorosa,

Droga atrevida,  
Tempo esgotado,  
Arma poderosa.

## **VIDA REGRADA**

Às sete horas e vinte minutos, acordo.

Dez segundos depois, me levanto.

Meia hora depois, estou limpo,

Após o café, estou pronto.

Às oito e meia, em ponto,

Pego a condução pro trabalho,

Percorro o mesmo caminho,

Sem usar nenhum atalho.

Trabalho, trabalho, trabalho,

Sem renovar a bateria,

Às onze da noite vou embora,

Preparar-me pro outro dia.

Chego em casa, ligo-me na tomada,

Preciso de carga, pra acordar na hora.

## O HOMEM-MÁQUINA

Em frente ao computador

Sou todo *bits e bytes*,

Procuro as fofocas do dia,

Navegando pelos sites,

Incorporei essa dor:

Deixei de ser só humano,

A máquina também me domina,

Serei um engano?

Olho para a tela,

Meu espelho disfarçado,

Nos portais me escondo.

Preso nessa cela,

Homem limitado,

Por mim não mais respondo.

## FALTA DE COURO

Vejo falsos moralistas na televisão.  
São deputados, os malandros de gravata,  
Satisfeitos em se mostrarem como não são,  
Com seus discursos, verborragias e bravatas.

A ordem do dia é cassar um corrupto,  
Como se isto pudesse ser feito sem rebarbas,  
Os falsos homens sérios do Brasil elegem um cristo,  
Para, em público, lhe arrancarem a barba.

Se houvesse um espelho na Câmara que pudesse,  
De todos as ângulos, retratar-lhes os semblantes,  
Eles pensariam muito mais de duas vezes,

Ao tomarem certas decisões:  
Vivem cuspiendo no prato que comem,  
Bandidos engomados, horda de ladrões.

## LUXAÇÃO

Você vive pisando em minha alma,  
Sou o mortal da alma inchada, dolorida,  
Se vacilar, descuidado de mim mesmo,  
De tanto você me pisar, minh'alma vira ferida.

A alma luxada, silenciosa e triste,  
Cada vez mais escondida, alma contida,  
Foge do corpo que a acolhe, pobre envergonhada,  
Sofre com a baixa auto-estima, alma imerecida.

A tendência é a alma explodir-se  
De tanto inchaço, frágil e pisoteada,  
Alma doente, enferma e inexata.

A tendência é inexistir-se,  
Repentinamente, ó alma, ir-se,  
Grama amassada por outra alma ingrata.

## CANSAÇO MERECIDO

Pobre não tem mais do que um cansaço merecido.

O pobre, questiona-se, deveria ter nascido?

Embora se costume afirmar que é deles o reino dos céus,

Aqui na terra, os pobres serão sempre réus.

Pobre não vive sem trabalhar:

Carrega pedras para os ricos poderem descansar.

Os ricos, por sua vez, fazem da vida pura diversão:

Fustigam os pobres, os exploram, até com satisfação.

Eu, que sou pobre, escondida carapaça,

Vida de mentira, estúpida trapaça,

Não admito a pobreza, espelho embaçado.

Eis que acordo de manhã, sonho mal dormido,

Engulo as migalhas que me permitem ter sobrevivido,

Vou alimentar os ricos com os impostos malcriados.

## ÓCIO DESTRUTIVO

Quero o ócio, mas não o ócio criativo

Como quer o italiano De Masi.

Quero o ócio destrutivo, predatório,

Já que o meu viver é quase.

Eu quase vivo, será que isto é vida?

Se assim for, tenho que ser criativo.

Cada vez que exponho minha luta atrevida,

Sinto-me um quase-ser, meio inativo.

Produzo muito, mas de nada adianta,

(Existirão os mais amados por Deus?)

Blasfemo, cristão ferido e abandonado.

E se não houver mais esperança?

Aonde vou me esconder, pobre mortal?

Temo não ter forças e deixar-me de lado.

## **SOU ESCRAVO**

Nunca pensei que me escravizaria  
Por seu mau-humor constante.  
Eu acordo feliz, bem-humorado,  
Você se impõe amarga e irritante.

Meu bom-humor vai para o ralo,  
Dilui-se como a água em enxurrada.  
Seu intento cruel, rabujice eterna,  
Mais uma vez ganha a parada.

Peço a Deus todos os dias paciência  
Para enfrentar o futuro que me espera.  
Além da dor do tempo, ó dor ingrata,

Terei que me precaver da dor mais chata,  
A que você gera com sua carga negativa,  
Mulher que não sorri, bela, mas destrutiva.

## POCKET BOOK

Preciso arranjar um livro de bolso  
Para abrir e ler quando você se fecha.  
É melhor estar sempre preparado,  
Do que acender da bomba a mecha.

Quando leio, um escudo me protege  
Das ofensas que você me dirige.  
O livro me remete a lugares tão tranqüilos,  
Que mesmo atormentada, minha alma não se aflige.

Escondo-me nas páginas, atiro-me nos sonhos,  
Seus impropérios, sua dureza,  
Desaparecem no ar.

Enquanto você me ofende,  
Estou viajando no tempo,  
Lendo e aprendendo a voar.

## CARETA

Minha mulher, tão bonita,  
Vive de fazer careta.  
É carranca do São Francisco,  
Ou é boi da cara preta?

Minha mulher, tão singela,  
Tem sorriso de princesa,  
Mas faz questão de esconder  
Tão grande e rara beleza.

Seu mau-humor doentio,  
Sua paixão por sofrer,  
Impedem sua beleza

De reaparecer.  
A vida lhe parece amarga,  
Parece não querer viver.

## **VIDA INEXATA**

Procuro entender a vida,  
Mas não quero ficar louco.  
Quanto mais tento entendê-la  
Sentido só vejo um pouco.

Será a vida, de fato,  
Algum presente de Deus,  
Se neste mundo inexato  
Só existem fariseus?

Por via das dúvidas, me recolho.  
Como não almejo a divindade,  
Reduzo-me a nada e encolho.

Que coisa inexata, a vida!  
Que coisa mais esquisita!  
Nascemos para ser restolho?

## ALGUÉM ESCUTA

Alguém escuta, atrás da parede,  
Rede de intrigas, há uma rede?  
Preocupa-se com que, se não há mistério?  
Pra quem é de bem, quem é sério,

Vida é livro aberto, sem segredos.  
Quem escuta, no fundo, é porque tem medo.  
Alguém que escuta, atrás da porta,  
Não é pessoa reta, é torta.

Alimenta fofocas, destila venenos,  
Transforma em tempestade dias amenos,  
Prejudica os outros por prazer.

É doente da cabeça, é ser pequeno,  
Morre de inveja de quem é pleno,  
Sofre com a mesquinhez de seu viver.

## OUVIDOS MOUCOS

O que entra por um ouvido sai pelo outro.

Assim me posiciono para não sofrer,

Quando as pessoas amargas,

De tão amargas só fazem ofender.

Meu cérebro privilegiado

Acelera o pensamento pouco a pouco,

E eu me recuso a ouvir ofensas,

Faço, faço mesmo, ouvidos moucos.

Assim, passo a passo, vou sobrevivendo,

Para tristeza dos que me ofendem,

Finjo que não ouço.

Quem quiser me ofender, não perca tempo,

Saiba que sou surdo, jamais tente,

Recuso-me a ouvir, não entro nesse fosso.

## TELEFONE CELULAR

No princípio era o verbo:

O homem se comunicava,

Não precisava de nada,

A palavra bastava.

Surgiu o telefone celular:

O verbo se sofisticou,

O homem ficou bobo,

A palavra acabou.

Hoje as frases se perdem em ondas

Eletromagnéticas,

Passeiam pelo espaço apopléticas,

Ignoram sentido e racionalidade.

Ou o homem se idiotizou,

Ou o celular mostrou, enfim, uma verdade.

## PILHA DE NERVOS

Fica no ar uma questão sem resposta:

Estarei em meu juízo perfeito

Ao trocar tanto passado

Por um futuro sem jeito?

Algo me afirma que sim,

Mas eu não tenho certeza,

Sou um poço de dúvidas,

Marcado por incertezas.

Meus nervos dão o ar da graça,

Espalhando pânico por minha cabeça,

Em razão geométrica, multiplicado por mil.

Sou uma pilha de nervos, cabeça inexata,

Pavio de pólvora, ando por um fio,

Até que algo me acorde, que algo me bata.

## ABAJUR

Num canto do quarto, semimorto,  
Jaz um abajur quebrado.  
A lâmpada, luz apagada,  
Repousa no abajur abandonado.

O quarto, de penumbras estranhas,  
Não exige o abajur.  
Objeto sem serventia, sem graça,  
Perde o glamour.

Trago o abajur para minha vida,  
Às vezes luz apagada,  
Quarto escuro,

Para que esperar luz acesa,  
Se os eflúvios da dor  
Batem tão duro?

## A NUDEZ DA MUSA

Minha musa me presenteia  
Com sua nudez no espelho,  
Deslumbrado, peço aos céus  
Que me brindem com um conselho:

Como eu, um pobre,  
Não mais do que um simples poeta,  
Pode merecer uma mulher  
Tão formosa e tão completa?

Recolho-me à insignificância  
Dos mortais resignados,  
Que trazem consigo a essência

Da ausência da beleza,  
E, por não obterem a resposta,  
Atolam-se na incerteza.

## A MUSA DESNUDA

Minha musa se desnuda  
Para mim em frente ao espelho,  
Deslumbrado com tanta formosura,  
Aos céus peço um conselho.

Como posso eu, pobre, feio,  
Gordo, professor e poeta,  
Merecer uma musa assim,  
Tão linda e tão completa?

Respostas talvez não me venham,  
Talvez nem os céus entendam  
Esta equação complicada.

A nudez de minha musa:  
Um presente imerecido,  
Ou caridade da amada?

## LATA DE LIXO

Ali tudo se torna igual:  
Desde o resto de comida  
À pose do general,  
Retratos de tantas vidas.

O cheiro é igual: desagradável.  
O lixo traz a essência da igualdade,  
Mostra que todos podem cheirar mal,  
Sem distinção de riqueza ou de idade.

O lixo é a democracia da natureza:  
Na lata, todos são iguais,  
Deteriorados os devidos consumos.

É uma prévia do futuro que se impõe,  
Mostra que tudo se decompõe,  
Coloca-nos em nossos rumos.

## CONTROLE REMOTO

Podem me controlar,  
Sou como um robô humano,  
Basta comandar os botões  
Que eu não me engano.

Faço o que me mandarem,  
Tento não decepcionar,  
Esforço-me pelo melhor,  
Empenho-me em agradar.

Meu único diferencial, entretanto,  
É que, diferentemente das máquinas,  
Eu penso.

Posso, portanto, enganar os comandos  
A qualquer momento,  
E assim venço.

## **IDÉIA FIXA**

Minha idéia fixa chama-se Angela Márcia,  
Que é meu pensamento diário,  
Meu sonho de toda noite, obsessão,  
Realidade e imaginário.

Ocupa-me todo o tempo,  
Esteja eu em casa ou na rua,  
Não deixo de estar com ela,  
Sob o raio do sol ou a luz da lua.

Tudo, em minha vida  
Gira em torno dela,  
Carrego-a a todo momento,

Em tudo, só penso nela,  
A pessoa mais querida,  
Dona absoluta dos meus sentimentos.

## **BLOCO DE PAPEL**

Dêem-me um bloco de papel em branco,  
Que eu destilo idéias, argumentos,  
Expressões de dor, alegria, espanto,  
A caneta afiada alavanco.

O bloco de papel me estimula,  
Incita-me a escrever o que me vai na alma,  
Descubro-me, de repente, me exponho,  
Sem rodeios, soluções ou bulas.

Eu sou um pouco do que vai no bloco,  
Ali sou fora de mim, homem devasso,  
Meus segredos se vão e isso me espanta,

Estranho tudo que ali coloco,  
Desatam-se os nós de meus justos laços,  
Tudo aparece, transpareço, mas me encanta.

## OLHO MÁGICO

Ainda que não mereças, és minha musa e és bela.

Tuas preocupações às vezes me irritam e eu não me controlo.

Saio de mim, perco a cabeça, falo o que me dá na telha,

Depois me aborreço, fico triste, e me desconsolo.

Como o olho mágico, que vaza as portas perscrutando o mundo,

Olho para ti, escondido, e te analiso inteira,

Tu me fazes detetive, curioso, vagabundo,

Quero descobrir teus segredos, veia bisbilhoteira.

Sei ser sorrateiro, se é assim que preferes;

Discretamente, viro serpente, ando pelos cantos,

Para atender aos teus caprichos exigentes.

Tu me esgotas, mulher de ferro,

Com teu gênio magno, falsa prepotente,

General obscura, armada de encantos.

## TRISTE DESCOBERTA

Creio que não me amas mais;

Algum dia me amaste?

Avalias-me por baixo,

Me rebaixaste?

Lembro que no início,

Lá, pelas priscas eras,

Molhavas-te toda por mim,

Ao meu mais leve toque.

Hoje, sequer te toco, velho esculachado,

Sou somente banha e ossos em estoque,

Achas de me humilhar por meus dentes podres,

Minha barriga ancha, farta de gordura.

Tu me colocas ao largo, buscas outros mundos,

Tens prazer maior em ter-me abandonado.

## **A INTELIGÊNCIA VALE MENOS QUE UM CUPOM DE SORTEIO**

Ceguei à conclusão de que o conhecimento não vale nada  
E que a inteligência pode se esvaír em uma descarga de privada.  
Ter um falo gigantesco, como o dos jumentos,  
Eis o suficiente argumento para uma vida valorizada.

Ser burro, ignorante, é o grande valor desses nossos tempos,  
Pouca cultura, ou melhor — desejável — nenhuma,  
Assim se sobressaem os heróis de nossa sociedade,  
Assim é que, de fato, se a gente quiser, se arruma.

Ainda que o vazio da vida se manifeste doloroso,  
Ainda que se sofra a dor triste da luz apagada,  
A maioria insiste em cultivar a superficialidade:

É melhor ser assim, meio ser, meia pessoa,  
Que herdou de Deus um pouco de tudo,  
Mas que, acomodado, faz questão de ser nada.

## MEMORANDO

Ganhei mais um número em minha vida!  
Minha liberdade, doravante, ficou mais restrita,  
Graças a um memorando que enviaram sobre mim  
A alguma autoridade por lei constituída.

Cadastraram-me no sistema infalível  
De um computador com memória infinita,  
De agora em diante, terei a vida ainda mais monitorada,  
Como uma sina maldita.

Estarei mais vulnerável a hackers e piratas,  
Terei de redobrar a minha segurança,  
Fugirei dos mistérios que me impuserem por e-mails.

Sei que não sou mais criança,  
Que no ciberespaço sou quase sucata,  
Eis, pois, algumas razões para não fazer feio.

## **CARGA TRIBUTÁRIA**

Se um político soubesse  
O mal que faz ao país,  
Ao aprovar os impostos  
Que fazem o povo infeliz,

Decerto pensaria em si próprio,  
Quando o mandato terminar,  
E rejeitaria essa carga  
De caráter impopular.

Um país com tantas taxas,  
Impostos e obrigações,  
É aval da incompetência

Dos que estão a governar.  
Eis que assumem, com os impostos,  
Que não sabem administrar.

## CANALHICE JORNALÍSTICA

O que querem os jornalistas?  
Todo dia me pergunto.  
Parecem alienados  
Que buscam qualquer assunto.

Para vender o jornal,  
A qualquer porcaria se apela.  
Desde a desgraça dos outros,  
Até fofoca e balela.

Exploram pessoas comuns,  
Com ares de moços bons,  
Disfarçam a notícia forjada

Com capas de moralistas,  
Mas o que querem, no fundo,  
É só dinheiro, mais nada.

## **PEDIDO A DEUS**

Deus nos livre se algum dia  
Tivermos um presidente jornalista.  
Muitos desses profissionais,  
São apenas vendedores de jornais e de revistas.

Escondem-se nas palavras,  
Nas críticas são eficientes,  
Mas não sabem fazer mais nada,  
Não podem ser presidentes.

Pobres executores,  
São filósofos de boteco,  
Por trás dos computadores,

São nobres em só criticar,  
São apenas fofoqueiros de luxo,  
Que fazem do povo um boneco.

## MPB

A música norte-americana, pelo menos ela,  
Salvo raríssimas exceções, é muito pobre.  
As rimas são limitadas, os versos, muito sem graça,  
Pelo menos na música, nós, tupiniquins, somos raça nobre.

Nada se compara ao lirismo de um Chico Buarque,  
Ou à criatividade de um Caetano,  
Algo bem diferente dos gemidos estridentes  
Dos atuais músicos americanos.

Chamar Madonna de cantora  
É, no mínimo insanidade;  
Michael Jackson, monstro louco e feio,

Não canta nada, é só perfumaria.  
Sou mais um samba brasileiro,  
Poema de Cartola, música de verdade.

## **CAMUFLAGEM**

Hoje acordei azul,  
Amanhã serei vermelho,  
Depois de amanhã serei verde,  
Ou translúcido feito um espelho,

Tudo para conseguir  
Sobreviver nesta vida ingrata,  
Em que temos que ser camaleões,  
Blefar e contar bravatas,

Escondidos em nós mesmos,  
Adaptados a cada ambiente,  
Camuflados entre inimigos,

Pele que muda de cor,  
Aparência intermitente,  
Mundo de poucos amigos.

## MARKETING

Assunto que todos entendem,  
Sobre o qual todos opinam,  
O marketing é a arte de enganar,  
Que é como tantos ensinam.

Tudo é marketing: do médico picareta  
Ao político corrupto, da prostituta  
Ao astronauta, do estelionatário  
Àquele que algo disputa,

O marketing é palavra que serve para tudo.  
Quem estuda marketing, entretanto,  
Descobre que não há segredo:

Marketing é simples, mas, como é capitalista  
E o lucro costuma alimentar um certo medo,  
A hipocrisia dos ignorantes faz do marketing espanto.

## O SORRISO NO RETRATO

O sorriso no retrato não é branco: é amarelo.

Seu rosto, artificial, causa espanto,

De tanta pose que você tem que fazer

Para satisfazer algum falso encanto.

Caras e bocas, olhares em êxtase,

O sorriso no retrato é uma grande farsa:

Finge-se uma felicidade que não existe,

Os olhos choram, mas a boca disfarça.

Se cada retrato pudesse falar,

E de cada pose saísse a verdade,

O retrato, não raras vezes, seria dor.

Se cada retrato pudesse mostrar,

O que de fato vai no fundo do peito,

O retrato teria, inevitavelmente, outra cor.

## **PALAVRAS CRUZADAS**

Coloco a prova minha lucidez na cadeira da varanda:  
Faço palavras cruzadas, enigmas que tento decifrar.  
Busco no lugar mais escondido de meu cérebro  
Aquela palavra exata, que não consigo encontrar.

Conto letras, procuro sentido, incomodado,  
A coluna sente a tensão, o pescoço dói,  
Onde está a palavra, o sentido, o significado,  
Essas coisas tão óbvias, mas que o tempo destrói?

Discretamente, finjo que me esqueço  
Do desafio consentido a que me dispus,  
Mas no fundo, no fundo, minha mente trabalha,

Caça fervorosamente a chave do enigma,  
O sangue da cabeça, rápido, se espalha,  
Encontro, enfim, a resposta que alivia minha cruz.

## O CARNÊ DE IMPOSTOS

A eficiência do governo vem em forma de carnê:  
É a única coisa que funciona no Brasil, de fato.  
Os governantes deliram com as arrecadações,  
O povo, sempre ele, sem contrapartida, paga o pato.

Rico não paga imposto; desova em fundações.  
Pobre não paga imposto; porque não tem.  
Político não paga imposto; porque não presta.  
A classe média sustenta o país: é o refém.

Os carnês de impostos vêm imaculados,  
Belas fotos de pontes e monumentos  
Tentando nos iludir a nós, pobres coitados,

Que não temos educação, nem estradas,  
Que não temos saúde, somos só maltratados,  
E passamos pela vida, com prazeres de vento.

**SONETIM**

Vem  
À flor  
Minúsculo  
Beija-flor.

Bica  
O mel  
E chispa  
Para o céu.

Beija-flor,  
Asas  
a jato,

O doce  
Do mel  
É o fato.

## ANGÚSTIA

Começou de novo, ah, meu Deus,  
Esse aperto no peito, essa ansiedade,  
Vivo a pagar contas, ó Senhor,  
Onde está a vida, a tal felicidade?

É uma sanha só a dos empresários,  
Chupins dos pobres da falsa classe média,  
Aumentam taxas, fazem o que querem,  
Detêm o poder sobre a vida, a rédea.

Os empregados exercitam,  
Por sua vez, e estresse  
Do amanhã inexato.

Os pobres como eu,  
Vivem a recitar suas preces,  
Conscientes de que sempre vão pagar o pato.

## **CHOVE FORTE NO MÊS DE ABRIL**

Chove forte no mês de abril,  
Com raios e trovoadas,  
Vai-se a energia, vai-se a luz,  
Das pessoas, como eu, esgotadas.

A água que cai do céu  
E parece limpar a terra e o universo,  
Desaba sobre minha cabeça,  
Como um arrogante verso.

Poema do mês de abril,  
Cometa que cai das nuvens,  
Tempestade no universo,

Cabeça pesada que dorme,  
Sem sonhos na escuridão,  
Derradeiro controverso.

## PORTA-PAPÉIS

O porta-papéis traz cartões de visita,  
Folhetos de propaganda,  
Jogos vencidos de loteria,  
E uma enorme demanda,

De contas e de impostos,  
De carnês, taxas e obrigações,  
Que me farão virar de ponta-cabeça,  
Para pagar sem reclamações.

Meu consolo é que estou ficando velho  
E uma espécie de dormência me faz olhar  
O porta-papéis até com certo carinho.

Foi um presente que ganhei de meu filho  
Quando ele ainda era pequenininho,  
Tem a sua foto e a de minha filha: razões para sonhar.

## POÇA D'ÁGUA

A água empossada, logo depois da chuva,  
Além de inundar meu sapato, me deixa triste.  
É como se eu vivesse num mundo encharcado  
Onde a vida inexistente.

Mas não pense que eu nego a chuva  
E as poças d'água que dela decorrem.  
Minha tristeza, eu acho, é inerente àqueles  
Que sentem que muito rapidamente escorrem

Pelos ralos da vida, e que não enxergam mais horizontes.  
Para esses, uma linha tênue, mas absolutamente cruel,  
Tinge de neblina o futuro.

Para esses, o espelho que as poças d'água simulam,  
É embaçado e sem brilho, luz apagada, imagem fosca,  
Refletindo um quarto escuro.

## SAPATO

Tenho que valorizar quem me sustenta,  
Como é o caso deste meu velho sapato,  
Que carrega, em quilos, mais de noventa,  
Quase cem, para ser mais exato.

O couro, já desgastado,  
Suportou desde a seca mais forte,  
A tempestades cruéis:  
Meu sapato superou a morte.

Hoje, machuca-me os pés,  
Com seus pregos salientes;  
Não sei o que deu nele

Depois de velho, incomodar-me,  
Ou sou eu que o incomodo?  
Sei lá, ando tão descrente!

## TESE

Olho a tela do computador vazia,  
Falta-me a inspiração de que tanto necessito.  
Para onde foi a idéia, a motivação que me seduzia,  
O tesão de escrever, o agito?

Minha tese escondeu-se em algum buraco negro,  
Devorador de idéias, de palavras, de qualquer lógica,  
Sumiu por aí, num espaço inatingível qualquer,  
Numa artimanha sórdida, para mim quase trágica.

Não sei em que lugar se meteu minha tese.  
Tentarei achá-la, buscarei de novo a inspiração.  
Tenho orgulho de tudo o que faço,

Pois tudo o que faço é com sacrifício dobrado.  
Eis, pois, que não vou me dobrar por um desânimo temporário,  
Encontrarei minha tese com nova motivação.